
Vida e obra de Cheikh Anta Diop: o homem que revolucionou o pensamento africano

Diallo, Alfa Oumar¹Diallo,

Cíntia Santos²

Introdução

Cheikh Anta Diop nasceu em 1923 num vilarejo senegalês chamado Caytou. Na época, a África estava sob dominação colonial europeia, depois do período do tráfico negreiro que se iniciou no século XVI. A violência da qual a África foi alvo não foi exclusivamente de natureza militar, política e econômica. Mas teóricos (Voltaire, Hume, Hegel, Gobineau, Lévy Bruhl, etc.) e instituições europeias (o Instituto de Etnologia da França, criado em 1925 por L. Lévy Bruhl, por exemplo) se empenham para justificar estes atos abomináveis legitimando, no plano moral e filosófico, a inferioridade intelectual do negro. A visão de uma África sem história, cujos habitantes, os negros, nunca foram responsáveis, por definição, por um único fato de civilização, impõe-se agora nos escritos e se fixa nas mentes. O Egito é, assim, arbitrariamente, ligado ao Oriente e

ao mundo mediterrâneo geográfica, antropológica e culturalmente.

É neste contexto singularmente hostil e obscurantista que Cheikh Anta Diop foi induzido a questionar, através de uma investigação científica, metodológica, os fundamentos da cultura ocidental em relação à gênese da humanidade e da civilização. O renascimento da África, que implica a restauração da consciência histórica, aparece para Cheikh Anta Diop como uma tarefa inevitável à qual ele consagrará toda a sua vida.

I - Os primeiros passos do Cheikh Anta Diop

O jovem Cheikh Anta Diop “corre o risco, pela má disposição do seu professor, o Senhor Boyaud, de repetir pela terceira vez o último ano do primeiro grau, o que motivaria sem

sombra de dúvida a sua exclusão do liceu. O Senhor Boyaud é um professor singular, sendo que tive a oportunidade, desde seus primeiros passos no liceu, de constatar sua hostilidade à nossa raça, às autoridades. Suas teorias sobre a raça, que fazem dele um discípulo de Gobineau, são das mais perniciosas e fazem com que aumente o abismo entre o negro e o branco cada dia [...].”³

Esta carta, redigida em agosto de 1941 por um dos responsáveis pela administração do liceu Van Vollenhoven de Dakar, foi endereçada para o inspetor geral do ensino na África Ocidental Francesa (AOF). O Senegal não existia ainda, e o clima que reinava no meio do ensino, assim como na pesquisa universitária, estava fortemente imbuído de colonialismo e de racismo antinegro.

Cheikh Anta Diop vai pegar o contrapé teórico deste meio solidamente estabelecido na universidade francesa. Primeiro pela apresentação da sua tese, que será recusada, depois pela publicação do seu livro *Nações negras e cultura*, em 1954.

O livro soa como um trovão no céu tranqüilo do “estabelecimento” intelectual: o autor faz aí a

demonstração de que a civilização do Egito antigo era negro-africana, justificando os objetivos da sua pesquisa nestes termos:

A explicação da origem de uma civilização africana se torna lógica e aceitável, séria, objetiva e científica, somente se a gente chegasse, por qualquer via, a este branco místico em relação ao qual não temos a menor preocupação em justificar a sua chegada e instalação nessas regiões. Entendemos, sem dificuldade, como os sábios deviam ser conduzidos no seu raciocínio, nas suas deduções, lógicas e dialéticas, à noção de “brancos de pele negra”, muito expandida no meio dos especialistas da Europa. Tais sistemas são evidentemente sem futuro, pois lhes faltam uma base real. Eles se explicam somente pela paixão dos seus autores, a qual aparece sob as aparências de objetividade e de serenidade.⁴

Se a obra incomoda os guardiões do templo, isto acontece não somente porque Cheikh Anta Diop propôs uma “descolonização” da história africana, mas também porque o livro cria uma “História” africana e se coloca nas fronteiras do engajamento político, analisando a identificação das grandes correntes migratórias e a formação das etnias; a delimitação da área cultural do mundo negro, que se estende até a Ásia Ocidental, no Vale do Indus; a demonstração da aptidão das línguas africanas para suportarem o pensamento científico e filosófico, e fazendo, pela primeira vez, a transcrição africana não etnográfica destas línguas...

Quando da sua publicação, o livro pareceu tão revolucionário que poucos intelectuais africanos tiveram a coragem de aderirem à causa. Somente Aimé Césaire se entusiasmou, no seu discurso sobre o colonialismo, evocando “o livro mais audacioso que um negro jamais escreveu”⁵. Precisou-se também esperar 20 anos para que uma grande parte das suas teorias fosse reconhecida, durante o colóquio internacional do Cairo de 1974, organizado pela UNESCO, reunindo os mais eminentes egiptólogos do mundo inteiro⁶.

Precisou-se esperar mais de 20 outros anos para que sua obra fosse levada em consideração, isso após a sua morte. Algumas idéias de Cheikh Anta Diop, principalmente a historicidade das sociedades africanas, a anterioridade da África e a africanidade do Egito, não são mais discutidas⁷.

II – O embate acadêmico

Em uma época em que jovens intelectuais africanos, decepcionados com o conceito de negritude, buscavam uma ideologia negra e militante de substituição, para Cheikh Anta Diop, uma das condições da federalização do continente passava pela consciência. Renovando a história, uma consciência histórica para os africanos, ele desejava sobretudo restabelecer sua dignidade. Quem poderia então acusá-lo de uma tal iniciativa, assim como as ideologias que ele combatia?

Ao lado do “entendimento cordial”, a controvérsia girava em torno de três pontos importantes: Cheikh Anta Diop era acusado pelo seu egitocentrismo, importância atribuída à noção de raça e a grande influência do seu combate políti-

co sobre suas teorias científicas. Sua obra ficaria impregnada de ideologia. É preciso lembrar, como fez o Senhor Aboubacary Moussa Lam, professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Dakar, que “Cheikh Anta não escolheu seu terreno de combate: ele somente respondeu aos debates da sua época”.

Mesmo não conseguindo contestar as idéias do intelectual sobre a origem africana da humanidade, o professor e sociólogo Pathé Diagne não “divide mais seu egito-centrismo. Com este recuo, é como se o professor sociólogo não tivesse se enganado sobre o Egito, mas vislumbra-se que ele tinha estudado somente o Egito”. Um ponto de vista compartilhado pelo Senhor Amady Aly Dieng, professor e antigo companheiro de Cheikh Anta Diop, é o seguinte: “Como Senghor, e talvez aí esteja o único ponto de convergência, ele continua mediterrâneo-centrista na sua análise da história africana. O professor Pathé Diagne coloca a Grécia no centro enquanto que o professor Amady Aly Dieng centraliza sobre o Egito. E se ele não desenvolve uma visão transatlântica, é para valorizar a cultura negra. É por isso que ele silencia sobre o tráfico negreiro.”

Uma crítica que se encontra em Ibrahima Thioub, historiador moderno: “Mesmo que o tráfico e a colonização representem um segundo olhar da história egípcia, é impossível fazer tábua rasa neles. Pois é a nossa história também e a nossa atualidade, senegaleses e africanos. É por isso que suspeito que ele tenha atribuído muita importância ao Egito, em toda fé, sem se dar conta.”

Num outro plano, se a divisão da humanidade em raças e o fundamento da distinção branco/negro são considerados como provenientes de uma raciologia antiga refutada pelo desenvolvimento da genética, pergunta-se em qual medida podemos acusar Cheikh Anta Diop de utilizar a terminologia da sua época. O Senhor Alain Froment, antropólogo na Orstom, explica que o físico “ficou durante muito tempo fiel à separação racial que existia na primeira metade do século XX, o que a genética praticamente desmantelou há muito tempo”⁸. Em relação à genética, ele evoca as datas de 1982 e 1984, ou seja, quatro e dois anos antes do falecimento de Cheikh Anta Diop, portanto muitos anos após a publicação das suas principais obras.

Como demonstraram os Senhores Mamadou Diouf e Mohamed M'Bodj, dois intelectuais senegaleses:

Poder-se-ia admitir a acusação de racismo [...] se os danos causados em nome da 'raça' se encontrassem de forma igual de um lado e do outro, o que evidentemente não foi o caso. Outrossim, este 'racismo negro' teria um valor se ele pudesse criar um complexo de culpabilidade nos europeus, o que não era o objetivo de Cheikh Anta Diop. Diop, assim como ele não procurava confortar uma crença popular; ele escreveu para uma elite fortemente convencida da igualdade da espécie humana.⁹

Por isso, é incontestável que ele se utilizou das mesmas armas que seus "adversários científicos"; portanto, não podemos acusar Cheikh Anta Diop de racismo. Os testemunhos são unânimes em apresentá-lo como uma grande figura do humanismo: "O problema, ele explica na sua intervenção no colóquio de Atenas, organizado

pela UNESCO, em 1981; é preciso reeducar a nossa percepção do ser humano, para que ela se desprenda da aparência racial e se polarize sobre o homem desprovido de todas as coordenadas éticas?." "Eu não gosto de usar a noção de raça (que não existe) [...]. Não devemos dar uma importância excessiva à noção de raça. É o acaso da evolução."¹⁰

De fato, Cheikh Anta Diop sonhava discretamente com uma síntese entre a pureza e a mestiçagem cultural. "A plenitude cultural torna um povo mais apto para contribuir ao progresso geral da humanidade e para se aproximar de outros povos em conhecimento de causa."¹¹ Hoje os discípulos do "último dos faraós" (Théophile Obenga, Aboubacary Moussa Lam, etc...) continuam a defender com brilho os resultados da sua pesquisa; claramente, 53 anos após a publicação da obra "Nações negras e Cultura", os principais temas desenvolvidos no seu livro são ainda de atualidade.

É verdade que o contexto da época (1954) era um terreno propício às manipulações, pois, até 1848, a escravidão estava ainda na prática legal da Europa. Também a segregação racial estava ainda em vigor em

países como os Estados Unidos da América ou a África do Sul, sem contar a colonização que estava nos seus últimos anos.

III – A África, berço da civilização?

Para falar dos traços físicos do negro, os argumentos de um cientista ocidental tão “sério” como Champollion-Figeac sustentavam, entre outros, não sem provocar o sorriso brincalhão de Cheikh Anta Diop, que “[...] estas duas qualidades físicas (os cabelos crespos e a pele negra) não são suficientes para caracterizar a raça negra [...]”¹²

De fato, nesta iniciativa tão laboriosa quanto desesperada, Champollion-Figeac queria sustentar os resultados de um cientista francês de boa-fé, o Comte [trata-se de Augusto Comte] de Volney (1757-1820), que tinha observado nos coptas – o povo de onde se originaram os faraós – os mesmos traços da célebre esfinge descoberta no Egito. “[...] A colonização de Volney, relativa à origem antiga da população egípcia, é forçada e inadmissível”, diria arbitrariamente Champollion sem argumentos. “Este Champollion tornou-se daltônico”, pensou o ho-

mem que revolucionou o pensamento negro, pois, com toda a evidência, estávamos longe das leis científicas. É por isso que o cientista senegalês retrucou dizendo que “agora não bastava só ser negro da cabeça aos pés e ter cabelos crespos para ser negro!”. Champollion-Figeac era o irmão de Campollion o jovem – o primeiro cientista ocidental que conseguiu decifrar os hieróglifos –, mas ele usou esta façanha para contornar uma realidade da época: os traços negros dos antigos egípcios.

Estes seres selvagens que eram capturados no mato para serem abarrotados como gado nas caravelas com destino à América, “estes homens com os rostos sombrios”, segundo a expressão favorita dos racistas – ignorados e humilhados, são aqueles que deram ao mundo as bases da civilização. Inacreditável! Inadmissível! Quem acreditaria nisso? Champollion não foi o único, infelizmente, nesta tarefa de tentar provar cientificamente a inferioridade intelectual e cultural dos negros.

Os fatos lembrados e as provas trazidas por Cheikh Anta Diop não deixam nenhuma dúvida de que são os negros que ex-

pandiram a civilização nos outros povos do mundo, primeiro através da Núbia – atual Sudão – (em torno de 6000 a.C.), e depois no Egito (em torno de 4000 a.C.), portanto muitos milênios antes da Grécia em torno de 2000 a.C.) e mais tarde em Roma em torno de 700 a.C.).

Não satisfeito, Comte de Gobineau, idealizador do nazismo no estado bruto, com o seu pseudocientificismo, queria explicar o porquê da superioridade da raça branca sobre os negros e os outros¹³. Uma celebridade como Pierre Larousse, numa das suas teses sobre a arte africana, afirma de forma peremptória que “o cérebro dos africanos tem o mesmo desenvolvimento que o cérebro do macaco, um outro elemento que comprova o seu lado animal e sua fraqueza intelectual”. E prossegue afirmando que “o cérebro dos negros é menor, mais leve e menos volumoso que o cérebro do branco, e como em toda a série animal, a inteligência tem uma ligação direta com as dimensões do cérebro, do número e da profundidade”. Outros “africanistas”, como Maurice Delafosse, Suret Canale, etc., mesmo sendo mais cautelosos e mais moderados do que Gobineau ou Larousse, negaram a evidência que Comte descrevia.

Neste contexto, não seria uma surpresa ver o mundo científico ocidental perder a cabeça e ficar impotente diante da antítese das suas teorias, trazida por um jovem negro. O cientista Cheikh Anta Diop (matemático, físico, químico, egíptólogo, historiador, lingüista, além de destruir as teses mais “sólidas” que pretendiam que a civilização viesse do mundo ocidental. Diop provou que todos os homens são iguais, qualquer que seja sua raça, e, por conseqüência, a colonização e, pior, a escravidão não podem servir para justificar a superioridade da raça branca. Pois, além da dívida moral devida aos negros e longe de um apagão do passado, é necessário reescrever a verdadeira história da humanidade.

IV - Os testemunhos dos sábios gregos

Numa busca lógica, Cheikh Anta Diop trouxe os testemunhos dos antigos gregos Heródoto, Estrabo, Deodoro da Sicília, etc..., esses mesmos que são testemunhos oculares da civilização egípcia. Querendo explicar o fenômeno das inundações do Nilo, Heródoto, considerado o pai da historiografia, es-

creverá em relação ao Egito que “[...] a terceira razão vem do fato de que o calor do lugar torna as pessoas pretas [...]”¹⁴. O mesmo Heródoto prosseguirá, para sublinhar a origem egípcia na base grega, afirmando: “[...] E quando eles acrescentam que esta silhueta era negra, Heródoto nos faz entender que esta mulher, isto é, Cleópatra, era egípcia [...]” O sábio grego diria o mesmo em relação aos habitantes de Colchide nos arredores do atual Mar Negro, perto da Turquia, pois queria sublinhar a sua origem egípcia. “[...] Os egípcios pensam que estes povos são descendentes de uma parte das tropas de Sésostris.¹⁵ Eu os examino com base em dois critérios: o primeiro é que eles são negros e que eles têm cabelos crespos [...]”¹⁶

Outros cientistas gregos da antiguidade, Estrabo, Pitágoras, Tales, Euclides, Deodoro, cuja maioria iniciou-se no Egito, confirmarão os testemunhos de Heródoto. Mesmo que alguns omitam a informação, notadamente Platão, sobre a fonte dos seus conhecimentos (reconhecendo todos sua iniciação no Egito em todas as áreas das ciências da época deles!), os papiros redigidos pelos sacerdotes negros que resistiram ao tempo

provarão que foi atribuída, por engano, aos gregos a paternidade das descobertas do Egito antigo. Cheikh Anta Diop revela que uma personagem como Estrabo não hesitou em tratar Pitágoras como “vulgar plagiador”....

Cheikh Anta Diop sustenta sua tese sobre os fundamentos lingüísticos, então científicos, fazendo a demonstração do parentesco genético entre o Egito antigo e as línguas negro-africanas¹⁷, colocando o acento sobre vários ritos, tradições, religiões e costumes negros que sobreviveram além do Egito antigo. Buscar-se-ão, sem sucesso, os mesmos traços no Ocidente... Melhor ainda, são os argumentos fornecidos pelos próprios egípcios, que se representavam como negros, isso reforçado por novas técnicas de pesquisa, tais como o carbono 14 para a datação, mas também a química, a antropologia, a arqueologia, a paleontologia.

Alguns ideólogos ocidentais vão tentar elaborar uma nebulosa teoria da civilização hamita ou camita, perdendo de vista a referência ao Cam (um dos filhos de Noé, o patriarca da Bíblia), uma personagem que foi amaldiçoada, segundo esses mesmos ideólogos. Segundo a Bíblia, Cam seria o primeiro negro... Os

hamitas seriam, segundo os defensores da “civilização branca”, uma ramificação desta civilização ocidental que eles queriam apresentar como precursora da civilização humana. Em outros termos, num momento em que o conceito de civilização não existia no espírito dos ocidentais, os hamitas tinham colocado as bases da civilização nos negros... antes de desaparecerem.

O obstáculo principal a este tipo de masturbação intelectual é que em nenhum lugar no mundo encontrou-se, pelo menos entre os defensores da “raça branca”, traços de civilização que dominam ao mesmo tempo a geometria, a arquitetura, a aritmética, a química, a astronomia, etc., na época do Egito antigo negro e pelo menos dois milênios depois do surgimento desta civilização. Pois, durante muito tempo, o Egito foi o único centro intelectual do mundo.

A estas teses fantásticas do hamita “civilizador”, a resposta de Cheikh Anta Diop foi também fantástica: “[...] Vê-se então que, dependendo da causa e da necessidade, Cam é maldicionado, preto e se torna o ancestral dos negros. É o caso toda vez que se fala das relações sociais contemporâneas. Mas ele é embranquecido toda vez que se busca a

origem da civilização, pois ele está presente no primeiro país civilizado do mundo.”¹⁸

Uma das manobras mais grotesca por parte dos cientistas ocidentais foi, sem sombra de dúvida, a criação de todas as peças do crânio de um “homem”, para reforçar a tese da raça branca.

V - A nova aproximação

Até o seu falecimento em 1986, Cheikh Anta Diop sempre defendeu a tese segundo a qual é o negro que migrou em direção aos outros continentes para se adaptar a estes locais, em todos os estágios da evolução do homem, inclusive o *Homo sapiens sapiens* (que corresponde ao homem moderno). É assim que as outras raças teriam aparecido. O fóssil de *Homo sapiens* mais antigo da época, segundo Cheikh Anta Diop, é um negro (Omo I, em torno de 150.000 a.C.), e as outras descobertas sobre os continentes são do tipo negróide (Homem de Grimaldi, etc.).

A tese de Cheikh Anta Diop não foi desmentida pelas recentes descobertas. Segundo a revista “A História “ de dezembro de 2004, os pesquisadores acharam em 2003 um novo fós-

sil... na Etiópia! A revista indica que o fóssil se apresenta “sob a forma de centenas de fragmentos, que são os restos de dois adultos e de uma criança sendo atribuídos por Tim White a um Sapiens: Homo Sapiens Idaltu – esta última palavra significa ‘antigo’ na língua local... Ele foi datado de 160.000 anos.” Conclusão: “Eis então o mais antigo Homo Sapiens conhecido nos nossos dias.”

Todavia, se a quase totalidade dos cientistas do mundo concordam hoje sobre a origem africana do homem, eles não compartilham as vias escolhidas por Cheikh Anta Diop. Uma personalidade científica como o francês Yves Coppens, que fazia parte do grupo que descobriu o mais antigo esqueleto de astralopiteco até os nossos dias (3,2 milhões de anos), é adepto da teoria do policentrismo. Em outras palavras, o Sr. Coppens tende para a teoria que quer demonstrar que houve uma separação no estágio do *homo erectus* (“o homem de pé”, anterior ao *Homo sapiens sapiens*) e que muito centros humanos se desenvolveram em vários lugares do mundo no estágio do Sapiens...

Conclusão

Mesmo que o debate esteja aberto neste estágio da pesquisa, ele não resolve o problema da origem da civilização. Querendo sanar todas as dúvidas sobre os traços negros de Ramsés II (uma das múmias mais conservadas), apesar das provas trazidas hoje pela arqueologia (pintura, estatuetas, língua, etc.), Cheikh Anta Diop revelou na sua obra “Civilização e barbárie” que solicitou às autoridades egípcias, por ocasião do congresso científico de 1974, alguns milímetros da pele do faraó para fazer testes laboratoriais. Ele não teve êxito, sob a alegação de que não queriam tocar na integridade física da múmia...

Durante toda a sua vida, o pesquisador senegalês se confrontou com este tipo de manobras. O seu principal objetivo era de provar a raça negra dos antigos egípcios que fundaram a primeira civilização do mundo.

Referências bibliográficas

BERNAL, Martin. **Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical**

Civilization. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988-1991. tomos I et II.

CÉSAIRE, Aimé. **Discours sur le colonialisme**. Paris: Editions Présence Africaine, 1955.

CHAMPOLLION-FIGEAC. **Egypte Ancienne**. Un Volume In-8°. Paris: Editions Firmin-Didot, 1997, 500 pp.

DIOP, Cheikh Anta. **Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines**. IFAN, Dakar : Nouvelles Editions Africaines, 1977.

_____. **Nations nègres et culture**. Paris: Editions Présence Africaine, 1979. t. I.

_____. **Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?** Paris: Editions Présence Africaine, 1967.

DIOUF, Mamadou; MBODJ, Mohamad. **The Shadow of Cheikh Anta Diop**. In: **The Surreptitious Speech**. Chicago, Editions Présence Africaine and the Politics of Otherness, 1947-1987, The University of Chicago Press, 1992.

FROMENT, Alain. **Origine et évolution de l'homme dans la pensée de Cheikh Anta Diop: une analyse critique**. Paris: Cahiers d'études africaines, n° 121- 122, 1991.

GOBINEAU, Joseph-Arthur (Comte de) (1816-1882), **Essai sur l'inégalité des races humaines** (1853-1855). Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967. 878 p.

KIZERBO, Joseph, **Histoire générale de l'Afrique: études et**

documents. Paris: Editions Unesco, 1978. v. I.

LARCHER. **Hérodote -- Histoire**. Avec des notes de Bochart, Wesseling, Scaliger.. [et al.] Paris: Editions Charpentier, 1950.

(Footnotes)

¹ Lettre datée du 7 août 1941, Dossier Cheikh Anta Diop, Archives Nationales du Sénégal, Dakar.

² Cheikh Anta Diop, **Nations nègres et culture**, t. I, Présence africaine, Paris, 1979.

³ Aimé Césaire, **Discours sur le colonialisme**, Présence africaine, Paris, 1955.

⁴ KIZERBO, Joseph. *Histoire générale de l'Afrique: Etudes et documents*, v. I. Paris: Unesco, 1978.

⁵ Actes du colloque "L'oeuvre de Cheikh Anta Diop: la renaissance de l'Afrique au seuil du troisième millénaire", Dakar-Caytu, 26 février-2 mars 1996.

⁶ FROMENT, Alain. **Origine et évolution de l'homme dans la pensée de Cheikh Anta Diop: une analyse critique**.

Cahiers D'études Africaines, Paris, n. 121-122, 1991.

⁷ DIOUF, Mamadou; MBODJ, Mohamad. **The Shadow of Cheikh Anta Diop**. In: *The Surreptitious Speech: Présence africaine and the Politics of Otherness, 1947-1987*. Chicago:

The University of Chicago Press, 1992. p. 135 .

⁸ Conférence du Centre Georges-Pompidou, 7 juin 1985,

Nomade

, Paris, n. 1-2, 1990; BERNAL, Martin.

*Black Athena**

The Afroasiatic Roots of Classical Civilization, tomos I e II. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988-1991. Veja também OBENGA, Théophile.

Cheikh Anta Diop, Volney et le Sphinx. Présence africaine et Khepera. Paris, 1996.

Revue Ankh, éditions Khepera, BP 11, 91192 Gif-sur-Yvette Cedex.

⁹ Cheikh Anta Diop. Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?

Présence africaine

. Paris, 1967. p. 185.

¹⁰ CHAMPOLLION-FIGEAC,

Egypte Ancienne

Paris: Firmin-Didot, 1950, Un Volume In-8°. 500 p.

¹¹ GOBINEAU, Joseph-Arthur (Comte de) (1816-1882).

Essai sur l

inégalité des races humaines (1853-1855)

. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967. 878 p.

¹² HÉRODOTE. *Histoire*. trad. du grec par Larcher; avec des notes de Bochart, Wesseling, Scaliger [et al.]. Paris: Charpentier, 1950.

¹³ Sésostris é a forma grega do nome dos três faraós da XII^a dinastia do

império. O nome egípcio, Sénousert, significa "a deusa Ousert", que fazia parte da composição do título real como nome de As-Rê ou nomen.

¹⁴ Hérodote, Livre II.

¹⁵ Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines, IFAN Editora NEA, Dakar, 1977.

¹⁶ Nations Nègres et Culture.

Notas

¹ Doutor em Direito Internacional pela UFRGS, Coordenador do Curso de Relações Internacionais do UNILASALLE/RS, membro fundador do Instituto Brasileiro de Estudos Africanos – IBEA.

² Graduada em História e Pedagogia, Mestre em Educação pela UNISUL/SC, professora da Rede Pública do Estado de Rio Grande do Sul e membro fundadora do Instituto Brasileiro de Estudos Africanos – IBEA.

³ Lettre datée du 7 août 1941, Dossier Cheikh Anta Diop, Archives Nationales du Sénégal, Dakar.

⁴ Cheikh Anta Diop, Nations nègres et culture, t. I, Présence africaine, Paris, 1979.

⁵ Aimé Césaire, Discours sur le colonialisme. Présence africaine, Paris, 1955.

⁶ KIZERBO, Joseph. *Histoire générale de l'Afrique: Etudes et documents*, v. I. Paris: Unesco, 1978.

⁷ Actes du colloque "L'oeuvre de Cheikh Anta Diop: la renaissance de l'Afrique au

seuil du troisième millénaire”, Dakar-Caytu, 26 février-2 mars 1996.

⁸ FROMENT, Alain. Origine et évolution de l’homme dans la pensée de Cheikh Anta Diop: une analyse critique. *Cahiers D’études Africaines*, Paris, n. 121-122, 1991.

⁹ DIOUF, Mamadou; MBODJ, Mohamad. The Shadow of Cheikh Anta Diop. In: *The Surreptitious Speech: Présence africaine and the Politics of Otherness, 1947-1987*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. p. 135 .

¹⁰ Conférence du Centre Georges-Pompidou, 7 juin 1985, *Nomade*, Paris, n. 1-2, 1990; BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, tomos I e II. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988-1991. Veja também OBENGA, Théophile. Cheikh Anta Diop, Volney et le Sphinx. Présence africaine et Khepera, Paris, 1996. Revue Ankh, éditions Khepera, BP 11, 91192 Gif-sur-Yvette Cedex.

¹¹ Cheikh Anta Diop. Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique? *Présence africaine*. Paris, 1967. p. 185.

¹² CHAMPOLLION-FIGEAC, *Egypte Ancienne*. Paris: Firmin-Didot, 1950, Un Volume In-8°, 500 p.

¹³ GOBINEAU, Joseph-Arthur (Comte de) (1816-1882). *Essai sur l’inégalité des races humaines (1853-1855)*. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967. 878 p.

¹⁴ HÉRODOTE. *Histoire*. trad. du grec par Larcher; avec des notes de

Bochard, Wesseling, Scaliger [et al.]. Paris: Charpentier, 1950.

¹⁵ Sésostris é a forma grega do nome dos três faraós da XIIª dinastia do império. O nome egípcio, Sénousert, significa “a deusa Ousert”, que fazia parte da composição do título real como nome de As-Rê ou nomen.

¹⁶ Hérodote. Livre II.

¹⁷ Parenté génétique de l’égyptien pharaonique et des langues négro-africaines. IFAN Editora NEA. Dakar, 1977.

¹⁸ Nations Nègres et Culture.